

## Resenha Bibliográfica

**FONSECA, Pedro Cezar Dutra.** Vargas: o capitalismo em construção. São Paulo, Brasiliense, 1989, 482 p.

ANA MARIA BIANCHI

Como reagiriam os cidadãos deste país à idéia de que daqui a 50 anos a política econômica de um presidente da república – digamos, José Sarney –, fosse avaliada à luz dos discursos que pronunciou durante sua carreira de homem público?

Com bastante ceticismo, sem dúvida. Há um sentimento generalizado de que o discurso encobre, omite, deturpa, quando não mente deliberadamente. Como indivíduos de formação positivista, tendemos a desconfiar daquilo que as pessoas dizem, do significado que emprestam a suas ações. Há uma sensação difusa mas arraigada de que o discurso é “mera retórica”, não permite prever ou reconstituir os fatos.

E no entanto, Pedro Cezar Dutra Fonseca produziu um livro competente sobre a política econômica de Getúlio Vargas com base em seus discursos, algumas entrevistas e pronunciamentos em geral. Sua principal matéria-prima foram os discursos de Vargas “em perspectiva”, como diz o subtítulo da tese de doutorado da qual o livro provém, defendida pelo autor em 1988 na Faculdade de Economia da USP, sob a orientação do Prof. Iraci del Nero da Costa. O autor preocupa-se com a reconstituição das medidas econômicas de Vargas e, mais genericamente, com a análise de dados empíricos sobre as transformações da economia brasileira no período 1906-1954. Mas a marca distintiva do livro é, a meu ver, a análise sistemática do discurso, procedimento inovador nas teses de história econômica produzidas entre nós, graças ao qual o autor pôde propor um caminho original e fecundo para a pesquisa na área.

A análise do conteúdo dos pronunciamentos de Vargas é reveladora em relação às diretrizes econômicas que endossou em sua carreira política, desde sua primeira manifestação, quando ainda estudante de Direito em Porto Ale-

---

*A autora é professora da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo e pesquisadora da FIPE.*

## RESENHA

gre, até a famosa carta-testamento de 1954. Ao dissecar o conteúdo dos discursos de Vargas no decorrer deste período, Fonseca mostra:

a) Discursos que omitem – por exemplo, o mutismo que cerca a “questão social” nos pronunciamentos de Vargas até as vésperas da Revolução de 1930; ou a ausência de referências à questão do capital estrangeiro nos pronunciamentos feitos no segundo governo Vargas, onde a retórica do presidente assume um tom nacionalista; ainda, o abandono da expressão “indústrias artificiais” nos discursos cuja ótica é nacional-desenvolvimentista.

b) Discursos que se contradizem, nos quais uma retórica de austeridade sobre a necessidade do equilíbrio orçamentário se mescla com a defesa de políticas de fomento ao crescimento econômico.

c) Discursos mutáveis ao sabor das circunstâncias – como os que exprimem a mudança de conteúdo entre 1926 e 1930, com a substituição dos temas regionais ou provinciais por temas nacionais; ou aqueles que criticam a política de valorização do café após a Revolução de 30, em direção ao liberalismo econômico.

d) Discursos que justificam – como no período imediatamente anterior ao Estado Novo, quando as críticas ao *laissez faire* se tornam mais acirradas, ao mesmo tempo em que o intervencionismo estatal passa a ser enaltecido.

e) Discursos cujo subtexto é revelador, também no Estado Novo, quando a apologia ao liberalismo se combina com e é mitigada, nas entrelinhas, pela defesa da necessidade de um governo forte.

O livro está estruturado em sete capítulos, dos quais o primeiro, introdutório, aborda dois pontos: a validade do procedimento adotado no estudo e, como marco teórico, a questão da construção do capitalismo no Brasil. Inspirado em Florestan Fernandes, o autor privilegia o conceito de Revolução Burguesa para caracterizar o período; uma revolução que é definida como um processo difícil mas necessário para consolidar o desenvolvimento capitalista e a dominação burguesa no país.

Os capítulos seguintes adotam uma seqüência cronológica na abordagem do material empírico, agrupado em cinco subconjuntos: a) o início da carreira política de Vargas no Rio Grande do Sul; b) o período 1926-1930, de transição para a República Nova; c) os anos 30; d) o Estado Novo; e) o 2º governo Vargas, até sua morte em 1954. Questões importantes para o correto entendimento do sentido do papel de Vargas na condução da política econômica brasileira, tais como o desenvolvimento, o nacionalismo e o trabalhismo como expressão do populismo são tratadas no capítulo 6, sendo o sétimo e último capítulo dedicado a considerações finais.

A influência positivista no pensamento de Vargas é um tema recorrente

no livro e um dos grandes eixos em torno do qual se articulam os vários capítulos. Embora assinala o declínio das idéias positivistas nos discursos da última fase de Vargas, Fonseca admite o peso que assumem em toda sua vida de homem público. Mostra as tonalidades assumidas por esse positivismo, a apoiar o fortalecimento do poder executivo em nome da necessidade social, a defender a remoção de obstáculos à expansão industrial, a impregnar a ideologia nacional-desenvolvimentista. No debate Roberto Schwartz vs. Fernando Henrique Cardoso sobre o lugar das idéias, o autor toma partido do primeiro, isto é, concorda com a tese de que há um deslocamento das idéias em relação ao contexto histórico que ensejou seu aparecimento. O tema é polêmico e merece a retomada da discussão, mas nele se revela o interesse marcadamente interdisciplinar do autor.

Fonseca mantém em todo o livro uma postura crítica em relação a Vargas, só rompida praticamente no capítulo 6, na análise da carta-testamento pela qual Vargas se despede da vida. Esta é uma faceta inusitada nos trabalhos biográficos sobre homens ilustres. Se tem algumas desvantagens para um mergulho profundo na personalidade pública de Vargas, pelo menos escapa à "mania de comemorar" de que fala Antonio Cândido, responsável por atitudes complacentes em trabalhos de cunho biográfico sobre celebridades nacionais.

É claro que a tarefa de análise do discurso é imensamente facilitada pelo fato de se estar falando do passado. É sempre possível achar um pronunciamento que "aponte" os rumos de um resultado que se conhece. Isso, porém, não tira o mérito do livro nem da estratégia utilizada pelo autor para atingir os objetivos propostos.

Um outro atrativo da obra é o fato de iluminar o processo de tomada de decisões por parte do governo quanto a questões de extrema atualidade, tais como a compatibilização entre desenvolvimento econômico e estabilidade política, as funções e disfunções do populismo, a polêmica em torno de intervenção estatal vs. liberalismo, a contenção do déficit público e o estímulo ao crescimento econômico e assim por diante. Aliás, a leitura deixa uma inquietante sensação de que andamos em círculos, neste 60 anos que nos separam da Revolução de 30.